



DA PRESENÇA SENSÍVEL
ON THE PERCEPTIBLE SUBJECT

Norma DISCINI
USP – Universidade de São Paulo
(CNPQ)

RESUMO: Sob o olhar analítico orientado pelo memorial acadêmico para obtenção do título de livre-docente, de autoria de Ignacio Assis Silva, estas reflexões procuram trazer à luz a questão da presença sensível relativa ao sujeito afetado pelo mundo, este que aparece ao sujeito como acontecimento, na medida em que o mesmo sujeito, dado na intersecção entre o inteligível e o sensível, ora se realiza, ora se mobiliza, ou, mediante um grau menor de tonicidade da própria voz, pode ter a tensão interna diminuída a ponto de, da distensão, atingir o desligamento de si. A noção de presença sensível, sem fazer silenciar o sujeito discursivo, judicativo e ético, entendido como aquele responsável por avaliações moralizantes necessárias à instituição da enunciação enunciada, contempla o sujeito nas profundidades figurais de todo e qualquer discurso, para confrontar o estilo autoral com o estilo dos gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Presença; Discurso; Estilo; Autor; Gênero.

ABSTRACT: Under an analytical look oriented by the academic memorandum in order to obtain the title of professor, by Ignacio Assis Silva, the following reflections aim to bring up the issue of the perceptible presence in relation to the subject who is affected by the world, which appears to the subject as an occurrence, as long as the same subject, situated in the intersection between the intelligible and the perceptible, at times realizes himself, at times mobilizes himself, or, against a smaller grade of tonicity of his own voice, may have the internal tension diminished to the point of, from distention, reaching his own detachment. The notion of the perceptible presence, which does not silence the discursive subject, judicious and ethical, understood as the one responsible for the moralizing evaluations which are necessary to the institution of the enunciated enunciation, contemplates the subject in the *figural* depths of any discourse, to confront the author's style with the genders style.

KEYWORDS: Presence; Discourse; Style; Author; Gender.

Notas iniciais

Sobre a noção de presença, dizem os autores do *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 382-383):

Na perspectiva semiótica, a presença (o “estar aí”) será considerada como uma determinação atribuída a uma grandeza, que a transforma em objeto de saber do sujeito cognitivo. Tal acepção essencialmente operatória, estabelecida no quadro teórico da relação transitiva entre o sujeito do conhecimento e o objeto cognoscível, é muito ampla: estão presentes, neste caso, todos os objetos de saber possíveis e a presença identifica-se, em parte, com a noção de existência semiótica.

A presença está aí vinculada ao saber; logo, ao conhecimento. A mesma fonte realça que o próprio “saber”, como modalidade, diz respeito a uma estrutura transitiva: é “sempre saber sobre alguma coisa, pois é inconcebível o saber sem o objeto do saber” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 425). Alerta ainda o mesmo dicionário para o saber como um objeto em circulação:

[...] falar-se-á, pois, da produção, da aquisição do saber, de sua presença e de sua ausência (o não saber), e mesmo, de seus graus. Enquanto objeto, o saber remete à instância da enunciação em que se encontram situados os sujeitos do saber que exercem atividades cognitivas: a dimensão cognitiva do discurso superpõe-se dessa forma, à dimensão pragmática (idem, ibidem).

Os autores enfatizam que “a comunicação pode ser considerada, de certo ponto de vista, como transmissão do saber de uma instância da enunciação à outra” (idem, ibidem). Confirmam o discurso como uma “atividade cognitiva”, tornada possível graças a uma “competência cognitiva” (idem, ibidem). Sobre a situação comunicativa, lembram ainda: “instalados por delegação de vozes, diversos sujeitos cognitivos aí se juntam, tais como narrador e narratário, informador e observador, suscetíveis de assumir posições de atores autônomos, de entrar em sincretismo actorial com diferentes actantes” (idem, ibidem, p. 425-426). Em relação ao próprio saber, adicionam o fato de que os “sujeitos cognitivos podem manipular os objetos de saber (os enunciados de fazer e de estado), emprestando-lhes diversos estatutos veridictórios” (idem, ibidem, p. 426).

Do inteligível e do sensível: semiótica e fenomenologia

A noção transitiva de um sujeito cognoscente, necessariamente relacionado a um objeto cognoscível, se refinada sob os parâmetros tensivos da semiótica, viabiliza a investigação de um sujeito dado na intersecção escalar, logo gradativa, entre o sensível e o inteligível, vistos como dimensões da tensividade, a qual supõe a correlação entre o intenso e o extenso: naquele se ancora a medida dos afetos; neste, o estado das coisas numericamente percebido. De tal intersecção, podemos depreender variações de presença, já que o intenso, base do sensível, e o extenso, base do inteligível, orientam diferentes modos de percepção. O sensível, ancorado no eixo da intensidade, viabiliza o despontar do andamento e da tonicidade. O andamento remete a uma presença que oscila entre a atenuação e o recrudescimento da própria celeridade. Para o andamento, “a oposição básica é [rápido vs.

lento]” (ZILBERBERG, 2006, p. 236) ¹. A tonicidade supõe a presença que oscila entre o tônico e o átono. Tonicidade e andamento, segundo o mesmo autor recém-citado, cujo pensamento é fundador dos rumos tensivos da semiótica, entram em correlação conversa: quanto mais célere, mais tônica será a presença. Da dimensão do inteligível (eixo da extensidade), emergem o espaço, como gradação entre concentração e expansão, e o tempo como duração (abreviação/ alongamento).

Conforme tais dimensões, o actante-observador pode ser contemplado como aquele que se orienta segundo uma percepção submetida a um andamento peculiar: mais acelerado, ou menos, o que cria nexos sensíveis na incorporação do tempo-espaço. O andamento, como medida do tempo, altera a percepção que o sujeito tem do espaço, na medida em que o próprio espaço se expõe alterado ao sujeito. Zilberberg, ao se referir ao tempo e ao espaço como subdimensões da extensidade, confirma a correlação inversa entre tais subdimensões e o próprio andamento, ou seja, este, quanto menos célere, mais faz alongar-se a duração e mais faz dilatar-se o espaço. O contrário também é previsto. “Dada uma grandeza temporal ou espacial, a aceleração respectivamente abrevia e contrai, enquanto a desaceleração alonga a duração e dilata o espaço” (ZILBERBERG, 2006, p. 237).

Acolhemos o ponto de vista tensivo da semiótica, já que buscamos meios de obtenção da presença sensível, para, quem sabe, viabilizar uma maior integração da noção de estilo autoral e dos gêneros aos próprios estudos semióticos. Zilberberg certamente contribui para isso, ao tratar do lugar dos afetos como inquietação necessária para um procedimento analítico. Na observação feita da intersecção entre intensidade e extensidade, o autor enfatiza a intensidade como âncora do acontecimento: “A exemplo das notas musicais, nossos afetos são a princípio, talvez somente, a medida das transformações que os acontecimentos nos provocam” (idem, ibidem, p. 238). Os afetos, segundo o autor, estão vinculados prioritariamente ao que sobrevém ao sujeito, ao inesperado sobrevir, enquanto se firmam alojados no eixo da intensidade do sentir. É diferente o que ocorre na extensidade. “Na dimensão extensiva, a dos estados das coisas, a partir das classificações próprias ao nosso universo de discurso, procedemos a transferências de uma classe a outra, conduzindo enumerações menos ou mais precisas” (idem, ibidem). Voltaremos a esse problema de classificação.

Por ora atentemos para esta formulação: “as transformações que os acontecimentos nos provocam”. A ideia zilberbergiana de que os acontecimentos nos transformam é convidativa para um exame da própria noção de acontecimento, entendido pelo semioticista francês como aquilo que é “o correlato objetual do sobrevir” (idem, ibidem, p. 214). Ao expor a relação do acontecimento com o discurso, Zilberberg aponta para a pressuposição do sobrevir ao próprio acontecimento e pergunta: “O que, afinal, deve ser comunicado ao enunciatário senão aquilo que sobrevém e ele ignora?” (idem, ibidem). Por sua vez, como pressuposto ao acontecimento, o sobrevir se confirma segundo uma conexão ao “ardor das subvalências de andamento e tonicidade por ele ativadas” (idem, ibidem, p. 233). Acrescenta o autor: “a aceleração ‘delirante’ e a saturação tônica vivenciadas a contragosto pelo sujeito não compõem uma ‘soma’, mas sim um ‘produto’ que as multiplica” (idem, ibidem). No cotejo entre a concessão (embora x , y) e a implicação (x , logo y), esta que supõe relações causais, Zilberberg afirma estar o acontecimento apoiado na concessão. O acontecimento, segundo o autor, apresenta-se então no âmbito do recrudescimento da intensidade afetiva.

¹ Em relação à obra considerada, utilizamos a tradução que está sendo feita pelos semioticistas Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas.

Atentemos para a inclinação zilberbergiana para priorizar o sensível como o que rege o inteligível. Essa inclinação vai ao encontro de postulados fenomenológicos que entendem o ato de significar como um modo de visar o objeto, este, por sua vez, correlato à própria consciência: a “imanência transcendental” husserliana inclui em si subjetividade e mundo, sujeito e objeto, na medida em que o objeto se expõe à consciência segundo a multiplicidade noemática, isto é, segundo múltiplos modos subjetivos de doação, o que supõe um movimento que encerra o sensível e o inteligível e o que sofrerá reduções de essência.

Como exemplifica Husserl (1985a, p. 249; 1995, p. 217), se tomarmos o nome *Napoleão*, que, tal como nome próprio, apenas se compõe como “signo indicativo”, temos distintos modos de apresentação ou de doação do objeto (*Napoleão*): O vencedor de Iena ou o vencido de Waterloo, ou seja, uma pluralidade de significações para um mesmo objeto. O objeto considerado em seus diversos modos de ser dado é o “noema” (Husserl, 2006, p. 202-203), que, distinto do próprio objeto (coisa), remete ao aspecto objetivo da vivência. Como correlato da experiência perceptiva, *Napoleão*, a mesma pessoa visada, é significado sensivelmente de modo distinto na própria visada: ninguém pode falar *de*, ou pensar primeiro *em* *Napoleão* como um objeto puro e simples e, em seguida, conforme as variadas maneiras de pensar o objeto. A “coisa mesma” husserliana sempre estará recortada sensivelmente por uma significação determinada e variável, o que acreditamos respaldar a experiência do pensamento.

Agregando a tais reflexões a noção semiótica de tensividade, temos as significações, assim diferenciadas dos objetos, e os objetos, assim vistos como correlatos à consciência, firmados na ordem do sensível, para que este possa reger o inteligível, o qual se alia às implicações (se... então...; ou: se x , então y), como lembra Zilberberg (2006, p. 218). Como objeto sensível, *Napoleão* é unidade que surge não como uma soma de propriedades, nem como dependente de implicações, mas como unidade simples e imediata. O objeto sensível, como um todo, não é a soma relativa ao “vencido de Iena” e ao “vencedor de Waterloo”, já que ele está aquém dos atos classificatórios. Na 6ª *Investigação Lógica*, em que são contrapostos entendimento e sensibilidade, Husserl (1985b) permeia seu pensamento com estas formulações: há dependência do inteligível (categorial) em relação ao sensível; a primeira fundação do categorial está na esfera da sensibilidade; no domínio da sensibilidade, não articulamos atos; a intuição sensível é caracterizada pela sua simplicidade; a intuição sensível é simples, por não pressupor outro ato para que possa se estabelecer; o ato categorial pressupõe uma doação prévia da intuição sensível.

Respeitadas as diferenças de pressupostos epistemológicos entre semiótica e fenomenologia, e voltando a Zilberberg, acreditamos que, considerando a percepção um fenômeno semiótico, uma semiose ou uma função semiótica, podemos pensar que a multiplicidade noemática, que supõe os diferentes modos de autorrevelar-se dos objetos para a consciência, pode corresponder ao que sobrevém ao sujeito, o sobrevir, o *subir* (o sofrer), que se correlaciona ao pervir, o agir. O sensível contamina o inteligível. Assim nos aproximamos da formulação husserliana (HUSSERL, 1985a, 1985b), segundo a qual não há lugar para o entendimento puro. Supomos também que, ao remeter à aceleração maximizada e à saturação tônica, que, na composição do sobrevir, “não compõem uma ‘soma’, mas sim um ‘produto’ que as multiplica” (Idem, p. 233), a noção de sobrevir pode apresentar afinidades com a noção fenomenológica de intuição sensível, esta sempre correlacionada à consciência. Vale que conceber a percepção como semiose é conceber o mundo de modo afim com o que preveem as reduções fenomenológicas (HUSSERL, 2006, p. 131-142), que, respaldadas na essência, são advindas do ato de pôr o mundo natural entre parênteses: não interessa para a análise semiótica nem para a fenomenológica a existência ou não existência do mundo.

Os estudos semióticos apontam para vizinhanças com a fenomenologia, ainda a ser investigadas, principalmente na discussão sobre o que é o sensível. Não só o princípio zilberbergiano, segundo o qual o sensível rege o inteligível, mas também os próprios fundamentos greimasianos da teoria parecem verdadeiramente compactuar com a “orientação fenomenológica” do pensamento, que é sugerida por Husserl (2006, p. 73-82) como avessa à “orientação natural”, esta que nos lança, segundo o filósofo alemão, para uma aceitação irrefletida do mundo. Merleau-Ponty, que efetua um prolongamento em relação ao pensamento de Husserl, indo ao encontro da tese relativa à consciência como “resíduo fenomenológico” (Husserl, Idem, p. 84) e que, avançando a partir daí, buscará compreender a relação homem/mundo como da ordem de certa facticidade, afirma: “O mundo não é um objeto do qual possui a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6). Podemos então admitir que o mundo aparece conforme se dá ao meu campo de presença, este relativo a uma consciência intencional, correlata ao objeto. A consciência observada segundo “resíduos fenomenológicos” convoca o mundo, na medida em que vai ao encontro dele, embora ele próprio, mundo visado, ofereça-se por meio de *a* ou por meio de *b*, estando em *a* ou em *b* um dos perfis esboçados pelo que é dado. Na inclinação para essa perspectiva, que traz à luz a dialética da presença, talvez resida certo gosto de Zilberberg por fazer alusões reiteradas ao pensamento de Merleau-Ponty como procedimento de citação. Conforme diz o próprio semioticista, “toda citação que não é contestada marca um *quantum* de aprovação” (ZILBERBERG, 2009, p. 225).

Os desenvolvimentos tensivos da semiótica impelem o pesquisador para as portas da fenomenologia, fato que sustenta a possibilidade de um semioticista tatear o pensamento de Merleau-Ponty, para quem “a distinção entre sujeito e objeto está confusa em meu corpo” (1991, p. 184) e está também, como acrescenta, “confusa na coisa, que é o polo das operações do meu corpo” (idem, ibidem). Merleau-Ponty assim avança nessas reflexões: “o próprio espaço se conhece através do meu corpo” (idem, ibidem). Lembramos, então, o caso do passageiro em trânsito numa estrada: se dois sujeitos se deslocam entre duas cidades, um sentado ao lado de outro, ora num ônibus lento, ora num trem rápido, não terão, cada qual, a mesma percepção do espaço ao percorrer a mesma distância, na medida em que o espaço é temporalizado internamente, isto é, tal como regido pelo sensível, aparece distintamente para cada um deles. Diferentes velocidades imprimidas aos veículos configurarão diferentemente o corpo no espaço – esta última constatação diz respeito à “orientação natural” do conhecimento. Entretanto aqueles dois sujeitos, A e B, sentados lado a lado no mesmo veículo, mediante recortes diferentes da temporalidade vivida, confirmam que as relações estabelecidas com as coisas são diversas. Disso podemos entender que o tempo não está nas coisas, nem tão somente no sujeito, mas nasce de nossas relações com as coisas, tal como sugere a fenomenologia. Por isso o tempo também é visto como correlato à consciência (HUSSERL, 2003) e pode ser investigado segundo a percepção sensível, ou segundo este primeiro nível de objetivação que é a sensibilidade. Se pensarmos, sob o crivo da tensividade, que as variações da temporalidade e da espacialização são codependentes das variações do andamento, ou da velocidade sensível que as rege, podemos reafirmar certa possibilidade de emparelhamento das bases da fenomenologia com as da semiótica.

Corpo que percebe e objeto percebido, ambos constituintes da presença sensível, supõem um observador do processo, logo uma subjetividade que recorta o mundo feito acontecimento: só existe acontecimento para alguém, isto é, só existe acontecimento se existe alguém que o recorta. A noção de acontecimento vinculada ao rapto provocado pelo objeto em relação ao sujeito, o que concerne à emoção elevada ao paroxismo ou ao impacto

desmedido, como sugere Zilberberg (2006), é adequada ao arrebatamento estésico. Mas o próprio semioticista parece sugerir um alargamento para essa noção ao conectar o espanto à condição do que é factual: “O espanto, tanto de um ponto de vista pessoal, como de um ponto de vista coletivo, é condição para o que é factual” (2009, p. 225). Para o acontecimento, destacamos, então, também outra acepção, relativa a uma ocorrência qualquer, que, contando com o encontro entre a “visada” do sujeito e aquilo a que ele visa, irrompe na cotidianidade do vivido, feito um fenômeno. Não precisamos estar expostos à função estésica, antessala do estético, para que tenhamos um acontecimento que, assim concernente à “expressão de um certo movimento do corpo” no mundo, põe à luz os furtivos do fenômeno, isto é, a “noese” e o “noema”. Naquele termo está o aspecto subjetivo da vivência, constituído pelos atos de visada relativos ao objeto, tal como o ato de recordar. O ato de recordar, por sua vez, supõe os diversos modos de doação do recordado (o “noema”). Por conseguinte, utilizamos a noção de acontecimento discursivo sob certo prisma da noção fenomenológica de fenômeno. Nesse caso, acontecimento, como ocorrência discursiva que faz emergir a presença, opõe-se simplesmente à permanência e à imobilidade, tomando para nós as acepções preliminares à própria noção de acontecimento, nas quais se apoia Zilberberg (2006, p. 214). Propomos, por exemplo, que o encontro de um gênero com o ato de enunciar supõe um acontecimento. O acontecimento, guardada a dimensão estésica, que o lança para o extremo da tonicidade e da aceleração, pode, assim, também ser contemplado enquanto articulação a qualquer evento que emerge no campo de presença, fundando, por meio de um novo nexos estabelecido entre o homem e o mundo, ou entre a consciência e o objeto, necessariamente correlacionados, um novo horizonte da percepção sensível. Husserl (2006, p. 22) alerta para o “*a priori* da correlação entre sujeito e objeto”, como uma certeza de que “toda consciência é sempre consciência *de* um objeto e de que todo objeto é sempre objeto *para* uma consciência.” Essa correlação sustenta o acontecimento como fenômeno. O encontro do estilo do gênero com o estilo autoral o ilustra.

Voltemos um pouco mais a atenção à subdimensão da intensidade, o andamento, no seu teor de desaceleração. Por meio desta, temos a doação de um mundo mais estável, já que as diferenças do que é visto são inevitavelmente mantidas e, a tal ponto, que pode aparecer, como fenômeno, um mundo dividido e numeroso; temos a percepção em que a visada do sujeito e aquilo que é visado ganham em número e perdem em impacto e força. No âmbito da desaceleração, tanto o modo pelo qual o objeto aparece ao sujeito como o modo pelo qual a consciência tem acesso ao objeto perdem ambos em intensidade, enquanto ganham em extensidade. Também não é estranha à fenomenologia a procura relativa à divisão e, se não fosse assim, seria mantida uma “redução fenomenológica idealista, no sentido de um idealismo transcendental que trata o mundo como uma unidade de valor indiviso entre Paulo e Pedro”, tal como ilustra Merleau-Ponty (1999, p. 7). Nesse caso, diz o filósofo, “a percepção do mundo ‘por Pedro’ não é um feito de Pedro, nem a percepção de mundo ‘por Paulo’ um feito de Paulo” (idem, *ibidem*). Em outro quadro epistemológico, sem que se sobreponham as noções, cremos que a noção tensiva do diviso, cravada no eixo da extensidade, pode iluminar-se sob a concepção fenomenológica da percepção sensível. Num caso de estilo do gênero, podemos lembrar um *curriculum vitae*, que, quanto mais mantém o dado na ordem da divisibilidade objetivada, menos mantém viva (ou tônica) a percepção de mundo “por Paulo” como um “feito de Paulo”, ou a percepção de mundo “por Pedro” como um feito de Pedro, o que problematiza a voz autoral, como veremos. A “noese” – o ato de recordar – encontra-se com o “noema” – os recordados de um *curriculum vitae*, de um memorial acadêmico e até de um romance autobiográfico.

Considerada a tensividade como modo de percepção, temos, então, um andamento que, entre fortalecimento e afrouxamento da velocidade, diz respeito à sensibilidade de um sujeito que, como observador, não está apenas no nível discursivo, no papel de sujeito cognitivo, delegado pelo enunciador e instalado no discurso enunciado onde se emparelha ao narrador. Sabemos que, enquanto as funções do narrador dizem respeito ao dizer e ao relatar, “a função de ver, ou, às vezes de ouvir, ou, em termos metafóricos, a de encarregar-se da dimensão cognitiva da narrativa, isto é, da compreensão dos fatos [narrados] pertence ao observador” como lembra Fiorin (1996, p. 107). Se a função de “ver” for considerada com alguma equivalência à função de perceber, ou, como nos casos dos gêneros autobiográficos, com alguma equivalência à função de recordar, poderemos chegar à noção relativa ao observador, não só como categoria da sintaxe discursiva emparelhada ao saber e ao fazer-saber, mas também como medida de “uma espécie de escala antropomorfa”, conforme está sugerido por Bastide (apud GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 156). Françoise Bastide fala de um “actante observador da aspectualização, que é de qualquer modo ‘inativo’, no sentido de que se apresenta somente como uma escala antropomorfa” (idem, *ibidem*). Para ressaltar diferenças, a autora compara tal observador, “ao qual o enunciatário pode identificar-se” (idem, *ibidem*), com os “verdadeiros sujeitos operadores, ativos” (idem, *ibidem*). Esse actante observador, mais inativo do que ativo, estaria no âmbito de um nível tensivo, que privilegia a experiência sensível.

A noção de observador como sujeito afetado diante do mundo pode respaldar investigações sobre a aspectualização do ator, visto como presença sensível. Mas, por ora, não sendo essa nossa tarefa, interessa-nos sobremaneira a investigação concernente à própria presença como determinado itinerário da percepção. Por isso mantemos como prioridade a busca feita em relação a um sujeito colhido num nível tensivo, em que as categorias de pessoa, tempo e espaço precedem a complexificação categorial do nível discursivo. Estamos diante de uma pessoa, de um tempo e de um espaço dados segundo um “fundo figural” (ZILBERBERG, 1986, p. 92), que, pressuposto ao figurativo, orienta-se segundo a tensividade, a qual reúne em si a intensidade do sensível e a extensidade do inteligível (ou do racional).

As grandezas tensivas, a intensidade – com seu desdobramento segundo um andamento e uma tonicidade – e a extensidade – que encerra o eixo da concentração/expansão espacial, do qual despontam gradações entre o uno e o difuso, e da duração temporal, do qual despontam gradações entre o breve e o longo –, são consideradas figurais. O figural, como pressuposto, sustenta seu pressuponente, a concretude figurativa do discurso, contribuindo para que se vislumbre a presença como “campo de presença”, ou uma presença que vai de x a y . Ao promover tais investigações, a semiótica dá um passo à frente em relação à concepção cognitiva concernente à pessoa discursiva. Avizinhamo-nos da “base perceptiva da apreensão de toda significação”, como querem Fontanille e Zilberberg (2001, p. 124). Por sua vez, as próprias noções de “percepção” e de “campo de presença”, tributárias da fenomenologia de Merleau-Ponty, como lembram os últimos semioticistas citados (idem, p. 123), instigam nossa investigação, embora como não iniciados em relação a alguns princípios teóricos e metodológicos da filosofia fenomenológica, ora considerada em especial na versão merleau-pontyana, a qual, orientada justamente para a percepção sensível, pretende mostrar como a “‘encarnação do espírito’ leva a recusar a presença a si do pensamento” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. XIV).

Sem desatrelarmos a presença sensível dos quadros da teoria da enunciação e com vistas a, primordialmente, investigar a noção de estilo do gênero, cotejada com o estilo autoral, abeiramo-nos de tal limiar epistemológico para investigar o estilo como estrutura

encarnada, o que certamente fundamenta uma estilística afastada do esquema cartesiano do pensamento; logo uma estilística inclinada a observar o sujeito formado nas contingências do existir no mundo. Certamente, falar em “encarnação do espírito” é um modo de contrariar princípios cartesianos como os que, na “Segunda Meditação”, afirmam ser possível conceber os corpos somente “por intermédio da capacidade de entender que há em nós e não por intermédio da imaginação nem dos sentidos” (DESCARTES, 1999, p. 268). Esse filósofo, expoente da racionalidade, faz ainda conter-se na “Terceira Meditação” uma avaliação sobre o sensível como algo “insignificante e enganoso”: “Fecharei os olhos, tamparei os ouvidos, afastar-me-ei de todos os sentidos, apagarei de meu pensamento todas as imagens de coisas corporais, ou, ao menos, já que é muito difícil fazê-lo, considerá-las-ei insignificantes e enganosas” (idem, *ibidem*, p. 269).

No encontro da semiótica com a fenomenologia, procuramos reabilitar o sensível. Passam então a ser examinados, na enunciação pressuposta, não apenas o enunciador e o enunciatário, que, languageiros por excelência, são postos sob a narratividade como actantes do programa narrativo básico, em que um enunciador manipula um enunciatário para que este queira e deva fazer algo, o que supõe que o enunciatário, a quem se destina a manipulação, possa e saiba cumprir o proposto, tudo a partir de crenças e valores partilhados. Para além de tais relações narrativas, deparamo-nos com um sujeito no seu encontro com o mundo, sem tampouco ficarmos apensos às coisas reais, ou às coisas tais como vinculadas à noção de um referente real, apriorístico ao discurso e completo em si mesmo. A noção de referente real, relativo ao conhecimento de um mundo empírico, ao qual o sujeito teria acesso num movimento do interior em direção ao exterior, já foi substituída por aquela de mundo natural, formulada por Greimas e Courtés (2008). Tal noção permite que se pense no mundo como significação, logo construção sgnica, a qual supõe a existência de uma conexão entre os dois planos sgnicos, o da expressão e o do conteúdo, não homologáveis entre si, a não ser que se trate de um semissimbolismo, fato que remete à homologação categorial de um plano a outro. “As línguas naturais basicamente enformam e categorizam o mundo exterior procedendo a seu recorte”, dizem Greimas e Courtés (2008, p. 325). O nível discursivo da semiótica, mediante as coerções temáticas e figurativas que respaldam o papel temático do ator, seja do enunciado, seja da enunciação, cuida dessa categorização, fazendo vir à luz o valor axiológico desde o nível fundamental. Acontece que o valor axiológico, o qual funda as formações discursivas, precede um valor de juízo que sustenta uma avaliação moral (do bem ou do mal), diferentemente do que se dá com um valor já modalizado, considerado, por exemplo, como desejável ou indesejável, “esteja conjunto, ou disjunto, do sujeito de estado”, como lembra Greimas (1983, p. 100) no estudo sobre a modalização do ser. A relevância sensível do objeto desponta nesse estudo greimasiano.

Voltando ao estudo sobre “mundo natural”, vemos que os mesmos autores, Greimas e Courtés (idem, *ibidem*), para definir esse mundo, empenham-se em distinguir as “visões significativas” das “práticas significantes”. Aquelas seriam concernentes às “significações que falam do mundo tal como ele aparece” (idem, *ibidem*); estas se refeririam “ao homem tal como se comporta e se significa para si mesmo e para os outros” (idem, *ibidem*). Acrescentam que, ao primeiro grupo, pertenceriam as “semióticas dos objetos”, a dos processos ‘naturais’ (a nuvem anuncia chuva, o mau cheiro indica a presença do diabo, etc.)” (idem, *ibidem*). Às “práticas significantes” estariam relacionados os “comportamentos mais ou menos programados, orientados para um fim determinado (*a priori* ou *a posteriori*) e estereotipados dos homens, analisáveis como ‘discursos’ do mundo natural” (idem, *ibidem*). Fazem ainda, esses autores, uma alusão ao sensível, ao longo dessa exposição: “Por outro lado, e sobretudo, o mundo natural é uma linguagem figurativa, cujas figuras – que

encontramos no plano do conteúdo das línguas naturais – são feitas das ‘qualidades sensíveis’ do mundo e agem diretamente – sem mediação linguística – sobre o homem” (idem, ibidem.). Interrogar um pouco mais sobre o que são as qualidades sensíveis do mundo natural postas em discurso pode ampliar as noções de “visões significativas” e de “práticas significantes”, para que se entenda um “corpo encarnado”. Para isso deve auxiliar a apropriação a ser feita de algumas noções da fenomenologia pela semiótica. “Jamais um objeto existente em si é tal que não diga em nada respeito à consciência e ao ‘eu’ da consciência. A coisa é coisa do mundo circundante”, afirma Husserl (2006, p. 112), referindo-se também à coisa não vista, não experimentada, mas experimentável.

Apoiamo-nos, então, na possibilidade de pensar no encontro entre sujeito e mundo-coisa-vivida, encontro cuja concepção pode ser aclarada pela noção de transversalidade entre o inteligível e o sensível, advinda de um ponto de vista tensivo da semiótica, ancorado no pensamento de Zilberberg (2006), como foi dito. Nessa transversalidade, está o campo de presença, vinculado ao acontecimento ou fenômeno. Não abdicamos da dimensão do sujeito discursivo, concebido segundo um tratamento específico oferecido ao valor axiológico, tratamento que radica as formações discursivas, por sua vez apoiadas nas formações ideológicas. Deslocamos o olhar, sem abandonar o ponto de partida, que é o sujeito relativo a um posicionamento social: o sujeito das representações, que envolvem aspirações e crenças postas em discurso. Assim mantemos as investigações sobre aquele sujeito judicativo, papel temático preenchido pelo ato de moralizar ou pelas moralizações feitas do mundo. Estas enraízam o sujeito que, dialógico por excelência, é confirmado como responsivo ao *outro*, o que permite colocar o pensamento de outro filósofo, M. Bakhtin, sob os parâmetros dos estudos semióticos. “Os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de ‘natural’ no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam” (BAKHTIN, 1988, p. 35).

Colocar a semiótica na concepção dialógica da linguagem, conforme apresentada por Bakhtin, remete a um sujeito cujo centro é o não centro. Fica ratificada a imanência transcendente, ou a identidade somente concebida se atravessada pela alteridade. Ao ser investigada a presença sensível, defrontamo-nos novamente com o sujeito considerado segundo um lugar de vulnerabilidades: elas permanecem, porém alteradas, já que não são mais observadas como circunscritas aos componentes da semântica discursiva, esta que é o lugar das determinações sociais e a base dos papéis temáticos dos atores, necessariamente submetidos a um conjunto de avaliações feitas pela instância enunciativa pressuposta. Diga ou não diga *eu*, um destinador enunciativo, instalado no enunciado como segunda instância, a do narrador, “é responsável pelo conjunto de avaliações” (FIORIN, 1996, p. 65), as quais, acrescentamos, orientam eticamente o discurso para que o ator da enunciação, relativo ao sujeito do estilo, ator pressuposto a uma totalidade, possa ser entendido como um *éthos*. Temos uma imanência transcendental, porque historicizada. Entretanto essa imanência pode ser repensada segundo observação feita do sujeito como corpo afetado, concernente à presença sensível.

A tradição discursiva da semiótica verdadeiramente oferece as bases que direcionam as investigações para a imanência transcendente, já que, mediante um compromisso com as estabilidades de uma forma do conteúdo e de uma forma da expressão dos textos, materializada, isto é, historicizada, no conteúdo, por meio das substâncias correspondentes ao conceito, recuperamos, no próprio conteúdo, a exterioridade social. A concepção de substância do plano do conteúdo, tal como proposta por Hjelmslev (1991), garante tal transcendência histórica, obtida não apesar da análise imanente, mas por meio

desta. Assim fica sustentada discursivamente a instância da enunciação considerada como práxis. “A instância da enunciação é uma verdadeira práxis, lugar de vai e vem entre estruturas convocáveis e estruturas integráveis, instância que concilia dialeticamente a geração – pela convocação dos universais semióticos – e a gênese – pela integração dos produtos da História” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 13). A assunção de valores feita por um ator enunciativo pressuposto a uma totalidade integral, isto é, aquela que é complementar a uma unidade, também integral, supõe um estilo, entendido como *éthos*, ou seja, um corpo, uma voz e um tom de voz, um caráter, enfim.² Temos, assim, a fundamentação de uma estilística discursiva, para o que nos auxilia a tradição da retórica clássica, da qual emergem as noções de *éthos*, *logos* e *páthos*.

Acontece que tais movimentos acabam por ressaltar uma tendência à priorização da inteligibilidade, enquanto princípio categorial e classificatório e enquanto princípio das operações de pressuposição lógica; isso, no que diz respeito tanto ao olhar teórico, como à operacionalização analítica. Essa tendência se dá a ver já na apropriação, feita pela semiótica, da redução proppiana relativa à “morfologia do conto maravilhoso” (PROPP, 1984), redução que, incorporada como pré-requisito para a narratividade subjacente a qualquer enunciado, assenta-o nas etapas da manipulação, da ação e da sanção, constituintes do esquema narrativo canônico. Ao enunciado e à enunciação está pressuposto o encadeamento lógico dos programas concernentes ao esquema narrativo, o que faz confirmar a inclinação à racionalidade, não configurada, entretanto, como uma volta à racionalidade cartesiana, enquanto investigação de como o interior tem acesso ao exterior. A própria redução proppiana situa o exterior no interior, desde que fundamenta o sujeito segundo funções actanciais depreensíveis do enunciado.

A tradição semiótica tanto mais se afasta do roteiro clássico cartesiano, quanto mais, neste, fica garantida a correspondência entre a ideia e a coisa, equação da qual fomos salvos desde nossa herança vinda de Saussure: aqui, além da definição negativa do signo, ou seja, um signo é o que os outros não são, temos a definição do próprio signo não como o que une um nome a uma coisa, mas como o que une um conceito a uma imagem acústica, inevitavelmente pelo viés da arbitrariedade, o que confirma a possibilidade de diferentes construções languageiras de mundo, segundo diferentes categorizações efetuadas pelas diferentes línguas. Ainda, se pensar cartesianamente é conceber um sujeito da presença absoluta, habitado tão somente por uma ideia comparada a outra ideia, o que firma o *Cogito* (“Penso, logo existo”; *Cogito ergo sum*) não é aí que a tradição discursiva da semiótica se ancora, principalmente no que concerne à presença absoluta.

Mas falta verdadeiramente prosseguir na investigação relativa ao sensível, para que as “visões significativas” e as “práticas significantes” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 325) sejam vistas como coparticipantes de uma estrutura encarnada. Investigar o sensível equivale a recuperar a experiência do pensamento, tal como orientado pelas próprias coisas, fenômenos do mundo, que “estão para mim”. A fenomenologia, nas suas iluminações de origem, conforme dadas no pensamento de Husserl, filósofo voltado para os fundamentos do conhecimento, apoia-se neste princípio: “Percebo coisas, não ideias de coisas”, que é complementado com a noção de que **a consciência é consciência de algo**. Para a depreensão da presença sensível, atentamos então para as coisas, mas como o vivido.

²Para as noções de totalidade integral e de unidade integral, encontramos apoio no pensamento de V. Brøndal (1986).

O estilo do gênero

Anteriormente, fizemos alusão ao estilo do gênero e ao estilo autoral. O gênero, como prática social, pode ser contemplado como coisa do mundo, como situação objetiva que orienta a experiência do pensamento. No âmbito dos estudos do discurso, o gênero pode ser entendido como um acontecimento que orienta a presença sensível. Não escapamos de, ao pensar nessa presença sensível, forçosamente atentar para o conceito de *intencionalidade*, central no pensamento de Husserl: *a recordação é recordação de um recordado* – eis uma formulação que, articulada aos gêneros discursivos, pode trazer à luz o recordado que, tal como aparece no gênero, estabelece um nexo para o estilo. O recordado de um memorial acadêmico é diferente daquele de uma autobiografia em prosa ficcional, um romance autobiográfico, ou de um *curriculum vitae*, se quisermos reunir gêneros que se desenvolvem tematicamente segundo uma evocação memorialista e voluntária do passado. Os cronônimos (indicação do tempo, como as datas), os topônimos (indicação dos lugares ou do espaço tópico, como nomes de cidades) e antropônimos (indicação dos atores, incluindo a onomástica) são discursivizados segundo um estatuto diferente em cada um desses gêneros. Se, ainda, tomarmos, de um lado, o memorial acadêmico e o *curriculum vitae* e, de outro, o romance autobiográfico, poderemos depreender, lá e cá, outras orientações diversas, imprimidas pelo próprio recordado. O romance autobiográfico, comparado àqueles gêneros, apresenta maior dependência interna entre os elementos do conteúdo narrado, o que inclui as figuras relativas ao espaço, ao tempo e aos atores. Aí, devido à função estética, o acontecimento pode acolher a derrota do esperado, esta última noção pinçada por nós da abordagem figural feita do próprio acontecimento por Zilberberg (2006): no romance autobiográfico, há possibilidade de exacerbação do intenso diante do extenso. Por sua vez, num memorial acadêmico, bem como num *curriculum vitae*, as categorias discursivas de pessoa, tempo e espaço semantizadas, isto é, figurativizadas segundo antropônimos, cronônimos e topônimos, e, no caso da pessoa, preenchida ainda por determinados papéis temáticos do sujeito, deslizam para um conteúdo com certa independência em relação ao narrado, sem que com isso nos lancemos a circunstâncias de ordem empírica.

Observemos um pouco essa noção de conteúdo que goza de certa independência em relação ao narrado. Vamos à fenomenologia. Ao se referir a um todo, que compreende certa coisa representada intuitivamente, diz Husserl (1962, p. 20):

Quando nós consideramos o conteúdo visual ‘cabeça’ como independente, nós entendemos por isso que, apesar do plano de fundo inevitavelmente dado com ela, tal conteúdo pode ser representado como existente por si mesmo e, conseqüentemente, pode ser intuído isoladamente por si.

Os topônimos, cronônimos e antropônimos de um memorial podem ser “intuídos” como existentes por si mesmos, se relacionados ao narrado: as datas estão no calendário; os nomes das cidades estão no mapa; os nomes dos atores sociais constam de certidões de nascimento, envolvidos todos na ordem do biografado. Entretanto é relevante o modo como são percebidos esses objetos, o modo como foram trazidos ao campo de percepção, tendo sido tornados objetos para uma consciência. Assim podem encontrar-se os estilos: do gênero e do autor.

O sujeito, como presença sensível, é visto como afetado pelas coisas do mundo, pelo objeto-mundo multifacetado, aparecido ora sob um perfil, ora sob outro, para que se firmem, sujeito e objeto, como inacabados e inevitavelmente entrelaçados. Sob o âmbito do discurso, veremos que as coerções de um gênero, reunidas segundo uma composição, uma

temática e um estilo, contribuem para que o acontecimento apareça sob determinados ângulos. O sujeito discursivo escolhe o gênero e é afetado por esta escolha. O estilo do gênero, que subentende a temática e a composição, afeta o estilo autoral, enquanto este também afeta aquele. O estilo ou tom de um gênero (BAKHTIN, 1997) tanto resulta da combinação entre a temática (assunto tratado) e a composição (estrutura textual e discursiva), como impregna temática e composição, para que se legitime o gênero como “enunciado relativamente estável” (idem, *ibidem*.) Um *curriculum vitae* terá um tom mais abrandado de voz do que um memorial, pois o recordado, como acontecimento, convoca diferentes graus de força da presença lá e cá. Na intersecção entre a intensidade e a extensidade, o estilo desses gêneros tomarão diferentes direções.

O estilo de qualquer gênero vai ao encontro do estilo autoral e a recíproca é verdadeira. O memorial, diferentemente do *curriculum vitae*, favorece o advento da voz autoral. Para falar do sujeito atravessado ou afetado pelo gênero como acontecimento discursivo, confirmamos uma noção de presença confrontante com aquela de sujeito fechado ou relacionado somente com as próprias ideias, tal como defendida pelo esquema cartesiano. A noção de sujeito afetado desdobra-se a partir do princípio husserliano de que toda consciência é consciência de alguma coisa; perceber, recordar, imaginar, falar, ao constituir diferentes modos de se dirigir a um objeto, montam a “consciência intencional”, dizem os princípios husserlianos da investigação da possibilidade do conhecimento objetivo. Esse sujeito afetado, longe de ser uma entidade percipiente que obtém a chave da significação completa do mundo, via conhecimento de um *logos (palavra)* que tudo diz, está direcionado por estruturas perceptivas, elas mesmas reticentes, porque abertas ao acontecimento. Indo para Merleau-Ponty, temos esta formulação: “Sendo cada signo diferença em relação aos outros, e cada significação diferença em relação às outras, a vida da linguagem reproduz num outro nível as estruturas perceptivas. Fala-se para preencher as lacunas da percepção” (2006, p. 342). Se um gênero da esfera autobiográfica como o memorial, voltado para a evocação voluntária de uma memória antiga, constitui um acontecimento discursivo, temos aí o fenômeno que se expõe de um modo peculiar ao sujeito, para que se firme o nexo estabelecido entre estilo do gênero e estilo autoral. Da narrativa da própria vida, que pode perpetuar ou desestabilizar as coerções relativas à composição, à temática e ao estilo do gênero, emergem estruturas perceptivas da presença, a serem deslindadas, ainda que apenas sob alguns perfis. O opaco prevalece em regime de intencionalidade de horizonte, para que o sensível possa reger o inteligível. As coerções do gênero não são pensadas como compartimentos estanques (composição, temática, estilo) para que se dê o encontro homem/mundo, segundo o encontro entre estilos: o estilo do gênero e o estilo autoral.

A escuta do sensível

O corpo sensível remete à “coisa que sente” ou ao “sujeito-objeto”. “A escuta do sensível” (SILVA, 1996) é o título de um estudo feito por Ignacio Assis Silva em capítulo de livro do qual é o organizador. O estudo se abre por meio de uma epígrafe extraída do pensamento de Tanizaki, em que é feita uma alusão a lugares tão silenciosos que “convêm ao grito dos insetos, ao canto dos pássaros e, igualmente, a noites de luar. Constituem, assim, o melhor lugar para saborear a pungente melancolia das coisas em cada uma das estações” (idem, *ibidem*, p. 9). Essa alusão ignaciana à “pungente melancolia das coisas” continua a empurrar nosso pensamento para as beiradas da fenomenologia. Ignacio então lembra Zilberberg, para formular o conceito de “figural”. Discorre, desse modo, sobre “a escuta do figural” (idem, *ibidem*) na poesia moderna, na medida em que a materialidade adormecida do

mundo seria aí renovada. Define tal escuta como aquilo que diz respeito à recuperação de “algo profundo a partir da superfície figurativa do discurso” (idem, ibidem, p. 10). Ignacio quer o latejar do signo, para o que sugere tanto escapar à palavra como aderir a ela. Para a escapatória, lembra o escultor Brancusi que “mais do que inscrever o humano na matéria [a pedra], procura como que extrair da matéria o humano que aí dorme” (idem, ibidem). Ou lembra Pessoa que, no *Cancioneiro*, pergunta: “Não haveria um cansaço das coisas?” (idem, ibidem). Para incorporar a palavra, Ignacio apresenta a alternativa de “assumi-la, não como uma enunciação transparente, como se a linguagem fosse transparente”. Adverte que é preciso assumir a palavra “em sua corporalidade” (idem, ibidem, p. 12). Remonta então a Merleau-Ponty. Indo nós à fonte citada por Ignacio, (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 323), vemos que lá está especificada a “intencionalidade corporal”, que diz respeito ao corpo do sujeito e à necessária visada em relação ao mundo: “Desde que não reflita sobre meu corpo, a consciência que dele tenho é imediatamente significativa de uma certa paisagem à minha volta, como aquela de um certo estilo fibroso ou granuloso do objeto que me é dado pelos meus dedos” (idem, ibidem). Aqui o filósofo sugere que a palavra tem estilo:

A potência falante que a criança assimila aprendendo sua língua não é a soma de significações morfológicas, sintáticas e léxicas. Tais conhecimentos não são necessários nem suficientes para adquirir uma língua. O ato de falar, uma vez adquirido, não supõe qualquer comparação entre o que quero exprimir e o arranjo nocional dos meios de expressão que emprego. Quando falo, as palavras, os meneios necessários para conduzir minha intenção significativa à expressão são-me recomendados apenas graças [...] a um certo estilo de palavra de que dependem e por cujo intermédio se organizam sem que eu precise representá-las para mim. Há uma significação “linguageira” da linguagem que executa a mediação entre minha intenção ainda muda e as palavras, de tal sorte que minhas palavras surpreendem a mim mesmo e me ensinam meu pensamento. Os signos organizados têm seu sentido imanente, e este não depende do “eu penso”, mas do “eu posso” (idem, ibidem).

Merleau-Ponty dá o título de “Quase corporeidade do significante” para essas reflexões, postas em destaque no artigo de Ignacio³. Em sequência a elas, o filósofo (idem, ibidem, p. 324-326) acrescenta outras, nomeadas como “Relação entre significante e significado. A sedimentação”. Vamos a alguns tópicos relativos a estas últimas (idem, ibidem, p. 324-325): a) sobre a palavra “imantada” – “As significações da palavra são sempre ideias [...], polos de um certo número de atos de expressão convergentes que imantam o discurso, sem ser propriamente dadas por sua conta” (idem, ibidem, p. 325); b) sobre a relação significante/ significado: “Admitamos como fato fundamental da expressão um ultrapassamento do significante pelo significado, possível pela própria virtude do significante” (idem, ibidem, p. 325). Prossegue Merleau-Ponty na exposição sobre “as significações já falantes”, entre as quais inclui o gênero, e as quais fazem lembrar o pensamento exposto por Ignacio: diante de um corpo ávido de silêncios, a coisa aparece como dotada e doadora de certa melancolia. Assim se desenvolve a noção de sedimentação merleaupontyana (idem, ibidem, p. 326):

Para a intenção significativa, voto mudo, trata-se de realizar um certo arranjo de instrumentos já significantes, ou das significações já falantes

³ As citações ora reproduzidas, feitas por Ignacio a partir dos “textos escolhidos”, concernentes à obra *Os Pensadores*, estão na íntegra em *Signos* (MERLEAU-PONTY, 1991).

(instrumentos morfológicos, sintáticos, léxicos, gêneros literários, tipos de narrativa, modos de apresentação do acontecimento, etc.), suscitando no ouvinte o pressentimento de uma significação outra e nova, e, inversamente, promovendo naquele que fala ou escreve a ancoragem da significação inédita nas significações já disponíveis.

Diante de tais proposições, acreditamos que a tríade da retórica aristotélica (*éthos, logos, páthos*) pode ser repensada, para que se aprofunde a noção de estilo como *éthos*, principalmente porque podemos admitir que a palavra tem um estilo. Na semiótica, em termos de percurso gerativo do sentido, temos a manifestação, concernente à junção do plano do conteúdo com o da expressão dos textos. A manifestação, emparelhada a essa noção de “palavra imantada”, pode ser investigada segundo uma textualização pregnante de orientação significativa, seja para o estilo do gênero, seja para o estilo autoral. Já Bertrand (2003, p. 198), ao contemplar a manifestação em rascunhos examinados do romance *Germinal*, de Zola, apresentados sob a denominação de primeiro e segundo planos pormenorizados, anteriores ao texto romanesco definitivo, refere-se a um “conjunto de fatos textuais desse primeiro plano pormenorizado”, como aquilo que instala determinado modo de veridicção. Entre os fatos textuais identificados por Bertrand, estão os gramaticais, como frases nominais e participios passados de uso reiterado. A retórica da língua reencontrará a retórica do discurso: entendemos que aí está um dos modos de herdar o que antevê Ignacio como a escuta do sensível.

Discorrendo sobre o evento estético, com base em “Da Imperfeição”, de Greimas (2002), Ignacio fala sobre a imanência do sensível no evento extraordinário, este que transforma fundamentalmente “a relação Sujeito-objeto” (SILVA, 1996, p. 16). Eis, retomada, a fratura, trazida à luz como “uma espécie de aturdimento em que o Eu se perderia” (idem, ibidem) e como uma das dimensões da metamorfose na experiência em significação. Ignacio encerra o estudo desta maneira: “Existiriam, assim, na coisa, faíscas de paixões; ela não seria pateticamente neutra” (idem, ibidem, p. 18). O semiótico fala então em: a) “uma objetividade imanente às coisas, que atrai, captura o sujeito” (idem, ibidem); b) “uma pregnância que atrai o ‘sujeito’, constituindo-o, não ainda como uma entidade acabada, um sujeito modal e pateticamente configurado, mas como uma espécie de proto-sujeito tensionado entre a sua inconstituição primordial e a sua configuração como actante pronto para a *performance*” (idem, ibidem, p. 18-19). Completa Ignacio:

O canteiro da semiótica das paixões pode ser riscado, balizado, de um lado, em termos de uma *subjetivação do objeto* e, de outro, de uma *objetivação do sujeito*. Na primeira, os objetos mudam de fisionomia e matizam-se com as tintas de nossa paixão (formulação de Cassirer); na objetivação do sujeito, dá-se algo semelhante ao que acontece com o sujeito diante da pungente melancolia das coisas de que fala Tanizaki; algo que dorme nelas ou que lá está, punge e lateja, ricocheteia sobre o sujeito inscrevendo aí os primeiros traços da paixão.

Ignacio fecha suas reflexões, enfatizando os estudos semióticos voltados para o semissymbolismo, como aqueles que querem “explorar, explicitar esse encurtamento da distância significante/ significado, esse anseio de neutralização (quando não de apagamento) da barra que estrutura o algoritmo fundamental da semiose” (idem, ibidem, p. 19). A linha-mestra do pensamento de Ignacio, enquanto proposta de encontro do vivido com o figural, está exposta nesta síntese que faz do conteúdo debatido no “Colóquio sobre Corpo e sentido”,

base da obra na qual se insere o estudo ora considerado: “É esse encontro um tanto misterioso, miticomágico, do vivido com o figural que esteve no âmago da proposta do Colóquio sobre *Corpo e sentido*” (idem, ibidem, p. 13). Se a fenomenologia cuida do vivido, como experiência do pensamento, é no âmbito do figural, trazido pelos desdobramentos tensivos da semiótica, que fica acolhida a expressividade inscrita em tal experiência. Entendemos que o encontro do vivido (acontecimento, enquanto fenômeno permeado pela consciência) com o figural (a tensividade das percepções) oferece algum respaldo para o encontro da semiótica com a fenomenologia, com vistas a obtermos, entre os possíveis, um esboço da presença sensível.

Do memorial

Estas nossas reflexões foram provocadas por um evento: o *Seminário de Semiótica “Ignacio Vive: 10 anos de Grupo CASA”*. Então, aqui, à moda de uma homenagem, queremos auscultar, na medida em que se desvela sob alguns perfis, sem deixar de manter-se velado sob outros, o corpo percebido de Ignacio Assis Silva, por meio da observação do memorial acadêmico de sua autoria. Assim, talvez, possamos tocar no corpo como “massa de prazeres e de dores, que não estão fechados sobre si mesmos, mas que nos servem [e serviram a Ignacio] para sofrer e desfrutar do mundo”, tomando para nós expressões de Merleau- Ponty (2006, p. 340). Este mesmo filósofo (1991, p. 175) também quis fazer uma homenagem ao mestre Husserl, em “O filósofo e sua sombra” (idem, ibidem), para o que perfila alternativamente as dificuldades de tal evocação, atribuindo-as à “comunicação entre os ‘ego’”:

quer lhe prestemos a homenagem muito supérflua de nossos pensamentos, como para lhes encontrar um fiador ao qual eles não têm direito – quer, ao contrário, com um respeito que não deixa de ser distante, reduzimo-lo muito estritamente ao que ele mesmo quis e disse[...]

a dificuldade se confirmaria naquela comunicação: “entre os ‘ego’”. O filósofo destaca, então, serem tais dificuldades “bem conhecidas por Husserl, que não nos deixa sem recursos diante delas” (idem, ibidem).

Falaremos de Ignacio, sabendo que ele ocupa em nós “uma região que não pertence a mais ninguém além dele” e fazemos isso sob o aval destas outras palavras merleaupontyanas, que sucedem àquelas, no intento do filósofo de homenagear Husserl (idem, ibidem):

Empresto-me ao outro, faço-o de meus próprios pensamentos: isso não é um fracasso da percepção do outro, é a percepção do outro. Não o sobrecarregaríamos com nossos comentários importunos, não o reduziríamos avaramente ao que dele está objetivamente atestado, se inicialmente ele não estivesse presente para nós, não decerto com a evidência frontal de uma coisa, mas instalado lado a lado do nosso pensamento, detendo em nós, como outro nós mesmos, uma região que não pertence a mais ninguém além dele.

Observemos o memorial acadêmico de autoria de Ignacio.

IGNACIO ASSIS SILVA

MEMORIAL

Memorial apresentado para Concurso de Livre-Docência em Linguística (Teoria da Comunicação), junto ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP (Campus de Araraquara, SP).

Araraquara – SP
1992

Em 1958, quando deixei o Seminário de São Roque, queria, ao mesmo tempo, ser um homem de Letras e engenheiro químico. A necessidade de trabalhar cortou-me, sem dó, o acesso à Faculdade de Engenharia Química: o curso, além de pago, exigia tempo integral.

Sobrou-me o caminho das Letras, mais precisamente, das Letras Clássicas, no qual me dera muito bem em meus anos de Seminário. Comecei o curso na PUC-SP em 1960, transferindo-me para a USP, em 1961. Deixaram marcas, nesse Curso, os professores C. Lagar (grego, PUC), Aubreton, Cavalcante de Souza (grego, USP) e A. Tonioli (latim, USP), este, o responsável pelo meu ingresso na vida universitária, em 1964.

Sob indicação do Prof. Tonioli, fui para São José do Rio Preto em agosto de 1964, com uma incumbência nada fácil: substituir o Prof. Flávio di Giorgio, verdadeiro ídolo tanto junto aos alunos como junto aos colegas, caçado pelo movimento de 64.

Após alguns meses em que tive de conviver com a desconfiança dos alunos (eles me viam como alguém posto ali pela “Revolução”), consegui firmar-me como professor de Língua e Literatura Latina, mostrando a que vinha, trabalhando seriamente o texto, como tinha aprendido com os professores acima citados.

Lecionei latim e literatura latina até a chegada do Prof. Alceu Dias Lima, em 1967.

Minhas preferências: o canto VI da Eneida (Virgílio), as Odes de Horácio, pelo vigor figurativo da escritura desses poetas. Dava também algum Ovídio, mas sem persistência nem sistematicidade. Hoje sei que pesava nesse tratamento o preconceito herdado dos tempos de Seminário, bem como de Faculdade.

Os resultados obtidos junto aos alunos com métodos aprendidos na USP levavam a perguntar-me, com insistência, sobre o sentido de ensinar Latim num **País**, cujo povo, na sua grande maioria, tinha como necessidade mais premente um prato de comida. Essa pergunta eu a fazia igualmente a Carl Heupel, professor de Alemão, respondendo temporariamente pela disciplina de Linguística, várias vezes sentados às margens do rio Turvo, à espera de algum peixe menos escolado.

Tendo, não obstante, de continuar ensinando Latim, comecei a procurar um meio menos doloroso e mais atualizado de fazê-lo. Foi assim que cheguei à Linguística.

À Linguística aplicada, não à das angustiantes (na época) antinomias saussurianas, nem à dos questionamentos sapirianos e whorfianos, mas à Linguística aplicada “pé-no-chão” dos manuais inspirados em E. Nida, K. L. Pike, Gleason, C. C. Fries, Hockett. Apesar de ter tido um ano inteiro de linguística saussuriana nos meus tempos de PUC, minha entrada, de fato, na Linguística, foi através do estruturalismo bloomfieldiano. Eu não queria discussões, voos teóricos; queria uma ferramenta de trabalho.

A pós-graduação na USP em 1967 e 1968, o contato com Jakobson, o curso de Semântica com I. Lowe, em 1969 (curso de verão promovido pela USP e pelo PILEL), a grita chomskyana contra o estruturalismo e a favor da sintaxe transformacional foram afastando essa esperança no estruturalismo “pé-no-chão” da linguística aplicada norte-americana e fazendo-me voltar às questões de Linguística Geral com que se debatiam os linguistas europeus: A. Martinet, E. Coseriu, L. Mounin, R. Jakobson, L. Hjelmslev, L. Tesnière, G. Guillaume, B. Pottier. É que o estruturalismo norte-americano ajudava, razoavelmente, o trabalho em nível fonológico e morfológico; deixava, porém, muito a desejar no nível sintático.

Outra vez, o pragmatismo imediatista, ranço de que não consegue libertar-se a Linguística norte-americana, leva a uma nova decepção. A fundamentação epistemológico-metodológica, com que N. Chomsky embasa seus ataques ao estruturalismo dos anos cinquenta e alicerça as postulações do transformacionalismo, é ridiculamente desproporcional ao modelo de análise sintática que dá à luz. Um parto da montanha. Falta a Chomsky e sobretudo aos chomskyanos a tarimba, o jogo de cintura, que tem um indo-europeísta como E. Benveniste, de generalistas como L. Tesnière, G. Guillaume, L. Hjelmslev. Falta-lhe o lastro da linguística de campo dos linguistas aplicados norte-americanos e falta-lhe sobretudo o lastro da experiente linguística **Indo-europeia**.

Da insatisfação com a sintaxe às preocupações e ao interesse pela Semântica, o passo foi fácil e prazeroso.

D. C. Bennet e especialmente S. Lamb, com sua proposta de uma gramática estratificacional, foram os primeiros a merecerem real atenção, não obstante tenha começado, como todo mundo na época, pela semântica de S. Ullmann. Rápida visita a W. Chafe.

A seguir, K. Baldinger, cuja principal função foi colocar-me em conta com a Semântica de B. Pottier.

De Pottier a Greimas, a ponte foi a concepção de análise sêmica. Mas o responsável imediato pela ida, não apenas minha, mas de todo o grupo BACAB, à Semântica Estrutural de Greimas foi o prof. Peñuelza Cañizal, o primeiro, em São José do Rio Preto, a ler a **Busca de um método** greimasiana para a análise semântica. Foi a partir dessa leitura de Greimas e dos textos barthesianos que nasceu BACAB-Estudos Semiológicos, em 1970, metamorfoseada, em 1973, em **Significação – Revista Brasileira de Semiótica**.

Já nessa época, impulsionada por A. Schaff e Henri Lefebvre, despertava em mim a preocupação com o simbólico. “As relações constitutivas do signo”, no primeiro número de BACAB, testemunham isso.

Principais instigadores a prosseguir nessa direção:

- os inimigos imediatos da Semiologia (FFCL – São José do Rio Preto) e os inimigos mediatos (pessoal da Linguística “ortodoxa” e sobretudo o pessoal da crítica literária);

- curso do Prof. I. Blikstein, na USP, em nível de pós-graduação, em 1967 e 1968, cujas leituras de **Cadeira com cachimbo**, de Van Goh, e **A mesa**, poema de Carlos Drummond de Andrade, marcaram de vez minha adesão à Semiótica/ Semiologia;

- os encontros quinzenais para leituras, bate-papos, sobre textos visuais, animados por E. Peñuela Cañizal na FFCL – São José do Rio Preto, na mesma época;

- as complicações que a concepção **à la** Chomsky da correferencialidade [entendida como a condição pela qual duas partes de uma frase se referem à mesma coisa] acarretava para minhas tentativas de explicitar a relação entre os mecanismos ana-catafóricos do texto e as suas linhas isotópicas. Cheguei a compartilhar, por algum tempo, desse realismo ingênuo, afirmando – como constato pelos relatórios da época – endossar irrestritamente – **Proh pudor!** – a descrição da relação entre frases quase sempre fundamentada na identidade extensional dos **designata**, ponto de vista dominante nos enfoques transformacionais.

Essa direção que tentava seguir, após a decepção sofrida com **A dêixis pessoal** – tese de doutorado defendida em 1973, onde, aplicando Greimas, procurei chegar a uma sistematização dos dêiticos pessoais. Onde veio a decepção? De um trabalho voltado para a análise do signo na frase isolada. Jurei não trabalhar nunca mais com signo ou frase. Mais um passo em direção à verdadeira preocupação da Semiótica: não a frase, mas o texto.

Bastou ouvir, com mais atenção, Greimas, no encerramento do curso por ele dado em 1973, na FFCL “Barão de Mauá”, em Ribeirão Preto – SP, cuja última aula foi sobre o tema “Hors le texte, pas de salut!”, para desistir, de vez, de um enfoque baseado no signo ou na frase isolada, na minha tentativa de explicitar mecanismos subjacentes à produção do texto.

Mesmo exorcizada, forcluída, a realidade continuava a incomodar como uma pontada latejante.

O estágio em Paris, no ano letivo de 1979-1980, veio a reabrir a ferida.

De um lado, as colocações que ouvia sobre as paixões, no Seminário dirigido por Greimas, me davam a impressão de uma manifestação exacerbada do racionalismo francês sobre algo que me parecia irracional, esquecendo ou querendo esquecer que “La raison a son sentir, que le coeur ignore” (Eugenio d’Ors, Du baroque. Paris: Gallimard, 1968: 183); de outro, as atividades desenvolvidas nos ateliers de J. M. Floch (Semiótica Plástica) e de Cl. Zilberberg (Semiótica e Discurso Poético) lançavam um novo jogo de luz sobre a relação Língua Natural-Mundo Natural tratada por Greimas, no **Du Sens**, já em 1970; isso permitiu-me retomar a questão do relacionamento língua-realidade, não alimentando mais a ilusão de apreendê-la, mas de ver um pouco menos ingenuamente o que acontece nesse intervalo.

O interesse pela figurativização nasceu daí. Ovídio, redescoberto, quando preparava um curso de pós-graduação a ser dado na Faculdade de Letras,

da UFMG, em 1988 (não acontecido graças a José Sarney), levou-me ao estudo, não das metamorfoses, minha preocupação inicial, mas da metamorfose. E. Cassirer, Cl. Lévi-Strauss, o Greimas de **Des dieux et des hommes**, bem como as pesquisas dos visualistas sobre o semissimbólico deram o empurrão que faltava. O resultado é a tese ora submetida a exame para obtenção do título de Livre-Docente: “Figurativização e metamorfose. Relações intersemióticas (O mito de narciso)”.

Falemos um pouco mais do memorial como gênero. Como temos visto, todo gênero se apoia numa composição, numa temática e num estilo. Se partirmos do sistema temporal (FIORIN, 1996), veremos que o memorial acadêmico tem uma composição que se caracteriza discursivamente pela dominância do sistema verbal enuncivo pretérito, com proliferação de marcos referenciais pretéritos. Estes são figurativizados por meio de alta precisão icônica, o que faz os vividos biograficamente aparecerem como memória testemunhal, dada na ordem do inquestionável. A temática, por sua vez, legitima necessariamente um mundo fático rememorado no modo da verdade. É da ordem do que *parece* e *é*, ou seja, da verdade, o fio temático e a concretização dele nos percursos figurativos de um memorial. No memorial de Ignacio, temos, entre tantos outros, esses marcos temporais como consolidação do horizonte da experiência oferecido pelo recordado: “Em 1958, quando deixei o Seminário [...]”; “o curso na PUC-SP em 1960 [...]”; “A pós-graduação na USP em 1967 e 1968 [...]”. A temática do gênero, cobrando a recordação de eventos antigos, remete a algo que, se foi guardado, é porque foi retido sensivelmente. Mas, além disso, há um dever-recordar instituído, o que torna os guardados da memória, como dados retidos sensivelmente, átonos em relação à percepção sensível, enquanto impressão presentificada. No memorial temos o rememorado mais enquanto repetido ou reproduzido em relação aos fatos elencados e menos como acontecimento presentificado pela sensibilidade. O acontecimento, nesse gênero, não é afeito a atingir aquela “intensidade extrema” visualizada por Zilberberg (2006, p. 214). De outro lado, as coerções de um gênero autobiográfico com pendor literário, como um romance, permitirão que o enunciado crie o efeito de um presente que invade o passado, segundo certo fluxo da consciência. Um romance e não um memorial permitirá que apareçam, num grau de “força extrema”, a percepção e a coisa percebida, em que a retenção, isto é, o retido pela memória, firma-se como parte do segmento presente da própria consciência.

Voltando à manifestação textual, vemos que, diferentemente de um *curriculum vitae*, o memorial apresenta, como marca de composição, um modo próprio de organizar-se, o que viabiliza determinado tom para a voz autoral. Essa manifestação é condizente a uma progressão textual que, encadeada de modo mais articulado sintaticamente do que aquele de um *curriculum vitae*, compatibiliza-se com outra marca composicional, agora do nível discursivo: o sistema enunciativo de pessoa. Como coerção do gênero *memorial*, temos o narrador explícito, que participa da própria história narrada. O *curriculum*, enquanto não aciona o narrador explícito, apartando-se de marcas de subjetividade enunciada, é textualizado sob rarefação máxima de elos coordenativos ou subordinativos. Tais regras composicionais acabam por oferecer como expectativa certo estilo do gênero. Se o estilo de um gênero se firma como tom de voz, conforme Bakhtin (1997), o fato de o *curriculum* apresentar um tom mais asséptico de subjetividade do que o memorial trará desdobramentos para a presença sensível.

A temática, que é o assunto de que trata o gênero, não se afastando daquela do *curriculum vitae*, se pensarmos no registro testemunhal de feitos relativos à carreira

profissional, no caso, a acadêmica, reúne, no memorial, os feitos, de modo sucinto, mas minucioso, à moda de um memento institucionalizado. O *curriculum vitae*, operando mais sobre a triagem, tal como pede aqui o recordado, supõe a exclusão do que não for considerado absolutamente necessário para a “objetividade” do narrado; por isso, faz aparecer um tom átono de voz, que beira à *secura*, diferentemente do que acontece com o memorial, este da ordem da mistura. O memorial desencadeia um tom mais livre para o estilo do gênero. Fontanille e Zilberberg (2001, p. 53) associam o regime da mistura aos valores de universo e, dentre estes, destacam o aberto como equivalente ao livre. O memorial se abre à voz autoral, embora se mantenha restrito à rememoração orientada pelo horizonte do discurso acadêmico, o que o restringe a um grau menor de tonicidade da presença, caso seja comparado às possibilidades oferecidas por um romance autobiográfico. Se o sujeito virtualizado é mais apagado e abatido, assim está acolhida a presença depreensível do *curriculum vitae*, em que a memória é um “mais de menos” enquanto fluxo da consciência. No *curriculum vitae*, a memória, como o próprio ato enunciativo de recordar, é secundarizada, se comparada àquela depreensível do memorial; naquele gênero, os recordados são expostos ao próprio sujeito (enunciador e enunciatário) por meio de um rememorado cujo perfil é de maior repetição ou reprodução do que aquele do memorial. Este último estabelece como expectativa para o gênero um sujeito potencializado, mas, a depender das intervenções da voz autoral, pode evoluir para o grau da presença mobilizada, tornando-se, portanto, mais tônica a própria subjetividade memorialista. O estilo do gênero oscila, no memorial, entre um sujeito potencializado e um mobilizado. A voz autoral, no encontro com o gênero, pode produzir essa ascensão escalar, já que o estilo do memorial o permite.

No estilo do memorial e do *curriculum vitae* entra a emulação como paixão do mérito, vinculada, lá, a essa presença mais tônica. Desse modo, tal paixão torna-se mais intensa no memorial, enquanto, sob um grau de maior emoção, o narrado permite que apareçam, tanto a visada como aquilo a que se visa, segundo uma percepção mais impactante. Lembramos que faz parte da tensão geradora de intensidade o par *impactante vs. ténue* (ZILBERBERG, 2006).

No *curriculum vitae*, o mundo vivido e a vivência dele se dão num modo atenuado, porque o acontecimento aparece como mais numeroso. Aqui a emulação se torna mais extensa, enquanto descende em impacto. Para além do cotejo entre esses dois gêneros, de um modo geral afirmamos que as paixões são todas graduáveis segundo a distribuição escalar mantida na intersecção entre o inteligível e o sensível, os eixos da tensividade que operacionalizam a noção de presença sensível.

Aristóteles (2003) explica a paixão da emulação: “São inclinados à emulação os que se julgam dignos de bens que não possuem (sendo-lhes possível adquiri-los)” (idem, *ibidem*, p. 71). Aristóteles encadeia a emulação à admiração, lembrando os homens dignos de mérito como “aqueles a quem muitos querem ser semelhantes, ou de quem muitos querem ser conhecidos ou amigos” (idem, *ibidem*, p. 73): dizemos nós que, num possível acoplamento entre a semiótica e a retórica, temos, na emulação, um sujeito emparelhado àquele actante do nível narrativo, o sujeito em conjunção com o objeto de valor; um sujeito bem sucedido, sancionado positivamente, articulado a uma *performance* a contento, relativa a certa manipulação sofrida. Aristóteles contrapõe a admiração ao desprezo: “Desprezam-se os de caráter oposto, porque o desprezo é o contrário da emulação, e o fato de sentir emulação é o contrário de desprezar” (idem, *ibidem*). O desprezo seria a sanção negativa para uma *performance* de transgressão. Cremos que, por meio do exame empreendido do memorial de Ignacio, um mérito peculiar emerge do perfil “acadêmico” ignaciano, enquanto a própria aceção de merecimento faz permanecerem no lusco-fusco as euforias das vitórias, estas

costumeiramente tematizadas segundo certa competitividade a que se expôs o sujeito, para que se tornasse um vencedor digno de toda emulação. À revelia disso se dá a ver a presença ignaciana, por meio da qual temos não só um mundo jamais inteiramente pronto, mas também, em vários momentos, a relação viva de Ignacio com seu próprio corpo, “inadequado” à experiência de ser “bem-sucedido”, enquanto competitividade vitoriosa. Segundo um posicionamento social que moraliza à sua moda a própria concepção de mérito, o memorial ignaciano faz com que interesse menos o sujeito de uma *performance* bem sucedida, bem como interesse menos o sujeito dos resultados alcançados e, mais, o sujeito da orientação sensível “em face dos obstáculos encontrados”. Ignacio, ao expor sua decepção em relação à própria tese de doutorado, pergunta: “Donde veio a decepção? De um trabalho voltado para a análise do signo na frase isolada. Jurei não trabalhar nunca mais com signo ou frase.”

Greimas e Fontanille (1993), ao problematizar a emulação, deslocam-na dos limites dos resultados obtidos. Partem do princípio de que o julgamento ético transforma um saber-fazer e um poder-fazer do sujeito em “mérito” e acrescentam: “O mérito de um sujeito é apreciado no conjunto de seu percurso; avalia-se sua maneira de fazer, sua maneira de ser, sua conduta, durante peripécias, e sua atitude em face dos obstáculos encontrados, e não apenas o resultado obtido” (idem, ibidem, p. 175). O mérito “não se esgota na realização da *performance*, não é reconstruído por pressuposição a partir da competência; aparece como ‘excedente modal’, caracterizando o ser do sujeito aquém ou além da competência requerida pela realização do programa” (idem, ibidem, p.175). Os autores, que fazem uma investigação sobre as paixões, pretendem aí demonstrar “uma competência sensibilizada” (idem, ibidem). Referem-se a essa noção, como “o que nos incitaria a persistir na ideia de que tanto a ética quanto a paixão aparecem no discurso, desde que os efeitos modais do ser pareçam dessolidarizar-se da competência em vista do fazer” (idem, ibidem, p. 175-176). Ignacio acaba por “dessolidarizar-se da competência em vista do fazer”, para firmar a presença sensível no seu memorial.

De nossa parte, confirmamos a proposição de que a paixão está no discurso como configuração patêmica, o que supõe um núcleo passional ao qual se agregam paixões de vizinhança, como é o caso do elo entre emulação e admiração. Mas destacamos que a paixão se mantém radicada tanto na sintagmática modal narrativa, em que um querer-ser e um crer-não-saber-ser, por exemplo, podem remeter a paixões da incompletude (insatisfação, tristeza, entre outras), do mesmo modo que um querer-ser, acoplado a um crer-poder-ser e a um crer-saber-ser podem remeter a paixões da completude (satisfação e alegria, entre outras). Destacamos, entretanto, que a paixão tem suas raízes mais profundas no figural, na tensividade, onde estão as imprevisibilidades do sensível. Do memorial ignaciano, cremos poder depreender uma emulação que, tanto mais aparece como desacelerada, quanto mais se apresenta compatível com o gênero. Todavia, vez ou outra, cede à contingência da própria percepção sensível, permitindo que irrompa, diante do que sobrevém ao sujeito na celeridade do acontecimento visto como o encontro do ato de recordar com o recordado, algo tão forte que faz verdadeiramente sobrevir uma “memória primária”, especialmente expressa por meio de recursos linguísticos. Aí se inclui o uso das interjeições, posto no horizonte de uma palavra imantada autoralmente, que se apresenta na manifestação de modo compatível com uma escrita oralizada, esta, por sua vez, afastada das coerções do gênero. Sujeito que recorda e mundo recordado, no memorial ignaciano, não só incorporam, mas também enfrentam o estilo do gênero, para trazer luz ao mesmo gênero. A voz autoral ignaciana faz ascender, em tonicidade, a presença sensível: se tínhamos um sujeito virtualizado no *curriculum vitae*, e, como expectativa, potencializado no memorial, no caso do memorial ignaciano, a presença

oscila entre o potencializado e o mobilizado, tanto para o estilo do gênero, como para o estilo autoral.

O memorial, assim como o *curriculum vitae*, atrai o sujeito para a lógica implicativa (x , logo y). Mas, já que aquele permite a potencialização de um sujeito que pode inclinar-se à mistura, enquanto, neste, o sujeito se mantém virtualizado e preso à triagem, ao sujeito do memorial são oferecidas condições para distanciar-se significativamente da atonia e da virtualização da presença, próprias ao *curriculum vitae*. Por conseguinte, apenas o memorial permite que a voz autoral possa ser ouvida. No caso de Ignacio, temos um corpo ágil o suficiente para subverter aquela lógica concernente à imposição genérica (do gênero), especialmente no que diz respeito à paixão da emulação. Formulamos ficcionalmente uma equação: “O memorial, como coisa do mundo, faz pulsar a emulação, articulada à admiração, ao respeito, à honra. Na situação de um concurso para obtenção do título de livre-docente, cumprirei o ritual, se me apresentar como um sujeito de mérito transparentemente reconhecido; logo, permaneceréi no circuito da emulação, para o que não posso parecer inacabado”. Mas, já como sujeito articulado a determinada moralização e julgamento ético, desliza Ignacio para a lógica concessiva, quando deixa subjacente outra formulação: “Apesar das regras do gênero, apesar do que muitos pensam sobre o mérito e apesar do modo como muitos aspiram à emulação, mostro-me vulnerável; apresento-me metamorfoseado e em contínua metamorfose.” Esse é o corpo que, vivenciado por Ignacio como experiência de uma memória convocada, é dado a ver no memorial.

Temos um estilo autoral que, sob alguns perfis dados, vai de encontro com o gênero escolhido. O modo ignaciano de fazer o memorial se junta ao modo de pensar cientificamente, para que as instabilidades e o inacabamento de um ser no mundo sejam privilegiados. Assim, não é somente a ressemantização da palavra e a instituição de um núcleo temático-figurativo voltado a uma configuração interdiscursiva relativa à totalidade que fazem emergir um estilo “Ignacio” de ser no mundo. Estamos diante de um estilo autoral como *éthos*, como totalidade axiológica e sensibilizada. Remetendo a um esquema, o corpo sensível é instituído na correlação com uma cifra tensiva do estilo do gênero. Mas o sujeito Ignacio polemiza as coerções do gênero, seja mantendo a composição e a temática, seja fazendo avançar o tom esperado, que evolui da presença potencializada para a mobilizada. Por isso Ignacio, vez ou outra, preserva-se vivo e presentificado como sujeito que percebe. As sensações do corpo relativas ao rememorado, bem como o modo de aparecimento do próprio rememorado, estão emblematicamente reunidos na figura do “peixe menos escolado”, pescado no Rio Turvo. Se fenomenologicamente nunca teremos a coisa “ela mesma”, pois a cada vez uma suposta significação se impõe, Ignacio não teme parecer ele próprio um “peixe menos escolado”, inapto a gozar da plenitude da emulação, tal como aristotelicamente concebida.

Num tópico da tese de livre-docência transformada em livro (SILVA, 1995), intitulado “A experiência do pensamento que aparece”, Ignacio se refere aos “fundamentos figurais que a língua compartilha com o mundo natural e com os demais sistemas semióticos”. Faz isso, ao referir-se à criação poética e ao emparelhar-se ao pensador Max Loreau. Abre tais reflexões com esta exposição (idem, ibidem, p. 208):

Na descrição da tentativa de romper o cerco imposto pelas palavras para descer às fundações do pensamento que sustentam o nascimento e o sentido do mundo, chama-me a atenção o seguinte: “Levar as palavras a dizerem e retomarem em si a parte do ser que elas abolem ao se afirmarem e forçar, assim, a linguagem a encerrar em si não apenas o que sua essência lhe permite comunicar, mas também aquilo mesmo que ela decreta infável”

(LOREAU, p. 21).⁴ Vejo aí uma afirmação no sentido de privilegiar o que tenho chamado de substrato figurativo da palavra. E isso é muito importante, sobretudo no contexto de nossos defasados cursos de letras (mais de línguas do que de letras): os vícios que se perpetuam nesses cursos induzem-nos a ir diretamente ao conceito e, neste, à parte temática, cujo suporte classemático, noológico, interoceptivo, infla o lado “língua” do texto, com sério prejuízo figural, cosmológico, exteroceptivo, **o lado** “mundo” do texto.

Ao remeter à “figuralidade como matriz de novos significados” (idem, ibidem, p. 182), Ignacio insiste no figural que, como temos observado, é uma das noções que sustentam a tensividade, para que se investigue a presença sensível. Fala, então, do “substrato figurativo da palavra”, aludindo ao inacabamento inerente a ela. Podemos afirmar que o inacabamento, vindo como proposta teórica do texto científico ignaciano, impregna a voz autoral no ato enunciativo pressuposto ao memorial. O estilo do gênero, diferentemente do *curriculum vitae*, oferece a possibilidade de que a concessão invada em certo grau o campo de presença (embora *x, y*). Ao efetivar isso, o sujeito pode inclinar-se para uma presença dada na ordem da mobilização. A concessão, ao penetrar o memorial de Ignacio, à revelia da expectativa trazida por um dos perfis do estilo do gênero, recupera a “tensão existencial” entre a irrupção do acontecimento, o sobrevir, o sofrer (*subir*) e o *pervir*, consignado este como o ato que sobrepuja o “contraprograma inoportuno”, de “contratempo para o sujeito”, tomando para nós noções propostas por Zilberberg (2006, p. 203). Mas a voz autoral não extrapola os limites da composição e da temática, para que o gênero continue a vingar. Acrescenta Zilberberg (idem, ibidem): “Para os gramáticos, a concessão está do lado do sobrevir”. Por conseguinte, o memorial o qual, considerado no encontro homem/ coisa do mundo, não se alinharia a paixões do sobrevir, do sofrer, mas tão somente àquelas do *pervir*, para que a emulação se consolidasse no discurso como merecimento relativo a resultados precisamente obtidos, no caso de Ignacio, abre-se para que o estilo autoral seja confirmado segundo um corpo que não se peja em mostrar a própria fraqueza; um corpo que aparece como a relação viva daquele que percebe com o mundo percebido. O estilo ignaciano é prenhe de sensações.

Certamente o estilo do gênero *memorial* contribui para a sobreposição de um alongamento atenuador à instantaneidade do sobrevir, dada pela voz autoral e discursivizada em relatos como aquele do golpe que foi desferido “sem dó”, tirando de Ignacio o sonho de cursar a faculdade de Engenharia. Da intersecção entre as presenças do sujeito e do objeto, disponíveis no memorial ignaciano, firma-se, portanto, uma percepção que, embora deslizando para o sobrevir, ou para o que sobrevém ao sujeito, não abandona a duratividade do *pervir*, este que diz respeito à esfera do agir. Tal prolongamento orienta o abrandamento das paixões de insatisfação e vergonha, embora estas apareçam atonizadas, já pela ironia, já pelo humor, que, como recursos discursivos, manifestam-se em casos como o do uso interjeição (*Proh pudor! – Que vergonha!*) ao lembrar-se de si mesmo. Ironia e humor supõem certo distanciamento emocional, logo certa inclinação para a inteligibilidade. Desse modo, entre o *pervir*, equivalente aqui ao cumprimento relativo às coerções do gênero, e o *subir*, o que sobrevém, equivalente aqui ao sujeito desvelado em seus desencontros, ora com a teoria, ora consigo mesmo e com o mundo, orienta-se o estilo de Ignacio como presença eticamente firme, porque assumida nas vicissitudes do existir no mundo. O *pervir*, juntamente com o sobrevir, constitui “um dos dois modos de eficiência, ou seja, uma das duas maneiras para que

⁴ O autor aludido por Ignacio tem esta citação bibliográfica no final da tese: LOREAU, M. *La peinture à l'oeuvre et l'enigme du corps*. Paris: Gallimard, 1980.

uma grandeza tenha acesso ao campo de presença e possa aí se estabelecer” (ZILBERBERG, 2006, p. 223).

Notas finais

“Mesmo exorcizada, forcluída, a realidade continuava a incomodar como uma pontada latejante. O estágio em Paris, no ano letivo de 1979-1980, veio a reabrir a ferida.” O léxico “exorcizada”, como unidade linguística, comporta uma sobrecarga emocional diante de outro uso possível como “apartada”; segue-o, como aposto, “forcluída”, que diz respeito à forclusão, termo da psicanálise, aproximado à ideia de rejeição de coisas insuportáveis. Juntamente com tais usos, o símile “como uma pontada latejante” ajuda a promover o recrudescimento de intensidade para a voz autoral que, inclinada ao andamento mais célere e de acento mais tônico do que pede a expectativa do memorial, permite a emergência da presença contrastante com certo engessamento institucional do dizer. Disso resulta a mobilização da presença. Confirmamos que, se comparados entre si, os gêneros ora referidos, romance autobiográfico, memorial e *curriculum vitae*, desponta o memorial como aquele cujas coerções fazem-no aparecer na correlação com um sujeito potencializado, em grau descendente de força de presença diante do gênero literário. Enquanto isso, o memorial se vincula diretamente ao mundo distribuído e dividido do *curriculum*. Isso confirma a diminuição da tensão interna do sujeito, relativa ao estilo do memorial, diante das possibilidades oferecidas por um romance autobiográfico. Por sua vez, o estilo ignaciano de fazer memorial ancora-se vez ou outra na dimensão do sujeito mobilizado, “tal como se diz que o exército mobiliza suas tropas, ou seja, convoca-as ao mesmo tempo que as reúne” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 143). No memorial de Ignacio, o sujeito mobilizado se permite ser arrebatado pela emoção. Não foi à toa que a voz autoral, contrariando as coerções genéricas, ao usar o termo “forcluída”, quase sinônimo de excluída, recrudescer em intensidade o lamento relativo ao estado (de excluída) da realidade nos estudos semióticos de então. O mesmo se dá com a metáfora “veio a reabrir a ferida”, relativa ao estágio em Paris. “Exorcizar” e “reabrir a ferida”, já como componentes semânticos linguísticos, não condiziam com as imantações sensíveis da palavra própria ao gênero institucional, mas passam a condizer, no acontecimento ou fenômeno “memorial ignaciano”.

O estilo da palavra ignaciana, entrando em divergência com o estilo da palavra genérica (do gênero), contribui para o *crescendum* de celeridade da percepção, esta, à qual estão pressupostos sujeito que percebe e mundo percebido. Poderíamos ter, juntamente com a aceleração do andamento, uma precipitação dos acontecimentos narrados, concernente a uma contração do espaço e a uma abreviação do tempo. Mas as coerções do gênero, apesar das investidas autorais, mantêm seguro o corpo no dilatamento espacial e no alongamento da temporalidade: tudo é relatado em pormenores, os contornos são mantidos, para que se tenha a ilusão de que tudo, sem que coisa alguma permaneça na obscuridade, é narrado segundo a experiência criteriosamente dividida em etapas e segundo uma memória “fiel”, reprodutora do mundo rememorado.

Desse breve cotejo entre estilos de gêneros, ficam garantidas as especificidades da esfera literária, para que somente um romance autobiográfico possa oferecer um lugar para a presença realizada ou “plena”, relativa a um grau máximo de tonicidade, em que o recordado pode, a depender da voz autoral, borrar os contornos de sua própria constituição e aparecer como indiviso ou uno. A presença “plena” emergirá com mais facilidade diante das coerções de um romance autobiográfico, do que diante daquelas de um memorial.

A questão da presença sensível, relativa ao sujeito afetado pelo mundo, este que aparece ao sujeito como acontecimento, na medida em que o mesmo sujeito, dado na intersecção entre o inteligível e o sensível, ora se realiza, ora se mobiliza, ou, mediante um grau menor de tonicidade da própria voz, pode ter a tensão interna diminuída a ponto de, da distensão, como é o caso do *curriculum vitae*, atingir o desligamento de si, encontra um ponto de partida no estudo feito por Fontanille e Zilberberg (2001). Tal estudo, ao se referir à “presença”, faz alusão à fenomenologia, para falar em “campo de presença”, este que se

[...] assenta numa interpretação do par *presença/ ausência* em termos de operações (aparecimento/ desaparecimento) pelas quais os ‘entes’ sensíveis se destacam do ‘ser’ subjacente e depois retornam a ele. [...] Para a própria fenomenologia a presença é o primeiro modo de existência da significação, cuja plenitude estaria sempre por ser conquistada (idem, ibidem, p. 123).

Como “transcendência em direção ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 10), o sujeito compreende uma “presença de x a y ”. Fontanille e Zilberberg (2001, p. 129), ao procurar demonstrar como os termos do par **presença/ ausência** se articulam “por sua imersão no espaço tensivo” (idem, ibidem), afirmam:

A categoria que procuramos construir baseia-se, de fato, na copresença, num mesmo domínio – ou campo de presença –, de pelo menos duas grandezas: a presença semiótica não pode ser senão relacional e tensiva, e deve compreender-se como uma “presença de x a y ”. Na perspectiva que nos interessa aqui, as duas grandezas em foco são os dois resultantes da função “percepção”, um sujeito e um objeto. A partir disso, o domínio considerado é aquele determinado pelo alcance espaço-temporal do ato perceptivo, que pode ser expresso tanto em termos de extensão dos objetos percebidos, quanto em termos de intensidade das percepções. (idem, ibidem).

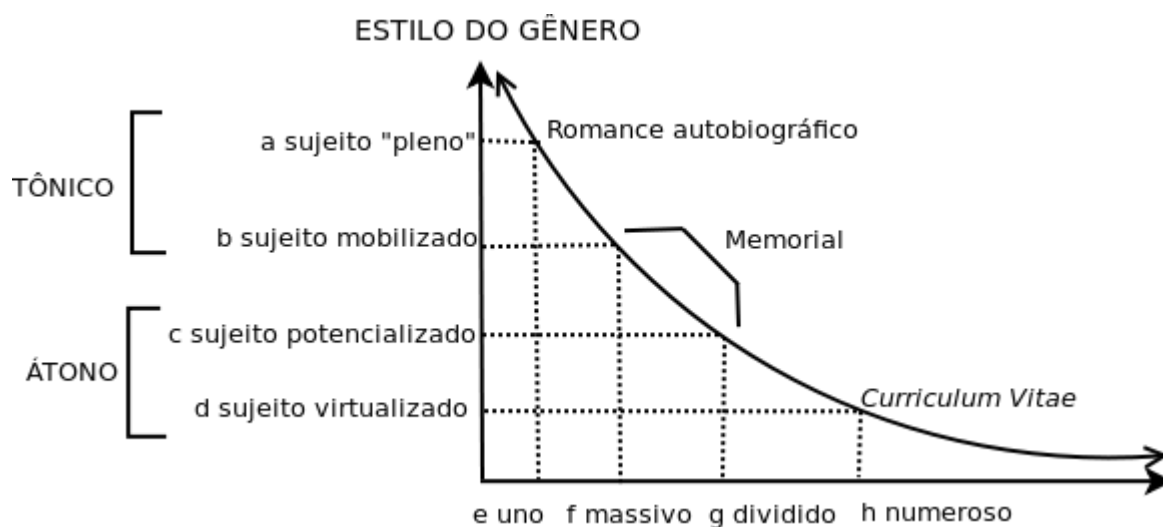
O gênero **memorial acadêmico**, supondo um horizonte avizinjado ao modo *numeroso* de presença de um *curriculum vitae* e afastado do modo *uno* de presença de um romance autobiográfico, entendendo, para numeroso, os contornos mantidos e, para o uno, a diluição dos contornos, tem o peso da institucionalidade como fator de abrandamento da tonicidade para o próprio estilo. Assim, enquanto potencializa o sujeito do *curriculum vitae*, em que a presença ainda se mantém virtualizada, o memorial, diante do romance, cuja cena genérica se abre para as possibilidades de um sujeito que se sobressai por meio de um grau de extrema tonicidade, pode tornar, como acontece com o memorial ignaciano, o próprio sujeito mobilizado e não mais apenas potencializado. Assim, se, no gênero acadêmico-memorialista, temos um fenômeno necessariamente distribuído, que supõe a “diminuição das tensões e seu fracionamento” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 137), se temos, ainda, um movimento perdurável da cisão “geradora do dividido” (idem, ibidem) e contrária à fusão, a voz autoral, vez ou outra, pode mobilizar-se, saltando de um acontecimento dividido logicamente para um acontecimento massivo ou concentrado, promovido na “reconstituição da intensidade” (idem, ibidem) e organizado segundo “massas pouco articuladas porém individualizadas” (idem, ibidem). Eis a escalada do sensível.

Ignacio, “peixe escolado”, não se deixa amarrar. Permite que venha à luz o lugar de limiar da voz autoral, num salto da potencialização para a mobilização da presença à revelia das coerções do gênero. Nesses ápices de “presença viva”, de intensidade beirando o

auge, o leitor sente falta de uma ficcionalidade que discursivizasse o espanto e o súbito sob a ruptura da função estética. Em situações como aquela do “peixe menos escolado”, que, ao ser pescado, interrompe a calma da pesca e do recordado, Ignacio poderia ter relatado, em segmento com perfil de ficção literária, o corpo sob êxtase. Mas, no legado das produções de Ignacio, pelo que sabemos, não houve lugar para textos literários. Assim é restabelecida a distância necessária entre sujeito e mundo, para que o memorial mantenha-se legítimo, o que supõe a vizinhança mantida em relação ao *curriculum vitae*, em que “a máxima difusão da cisão culmina, agora, na pluralização, que é a morfologia mais distensa”, tomando para nós palavras de Fontanille e Zilberberg (2001.). Vale que Ignacio não se manteve circunscrito à vizinhança com o estilo do *curriculum vitae*, gênero relativo a um mundo que aparece como difuso e numeroso; gênero que, próprio à virtualização do sujeito, faz aparecerem sujeito e mundo como “desligados” um do outro: por isso temos sujeito e mundo “abatidos”, tomando para nós sugestões de Fontanille e Zilberberg (ibidem, p. 142; p.144). Afastado do desapego emocional, temos o modo Ignacio de habitar o mundo especialmente quando faz humor tecido de ironia.

Ignacio não perde o “foco”. Se “‘focalizar’ é selecionar, numa extensão aberta, a zona em que se exercerá a percepção mais intensa”; se “é renunciar à extensão e ao número dos objetos, em prol da saliência perceptiva de alguns, ou de um único” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 130), confirma-se o tom da voz autoral de Ignacio em ascendência tônica, escapando à atonia que deveria fazê-la ater-se às circunvizinhanças de um *curriculum* e não àquelas de um romance autobiográfico. Assim a escrita, vez ou outra oralizada, que se liga a recursos de manifestação, como o emprego da gíria **jogo de cintura**, alia-se, por sua vez, à entrega feita do próprio corpo ao que sobrevém como golpe desferido “sem dó”. A voz autoral, ao selecionar, na extensão aberta do memorial, o vivido mais intenso, é coerente com a voz do semiótico arredio a um racionalismo idealista, supostamente sem contaminação do sensível. Isso acontece não apenas no ato de narrar, quando fica exacerbado o tom, por meio do uso de expressões como “o parto da montanha” (“Um parto da montanha. Falta a Chomsky e sobretudo aos chomskianos a tarimba, o jogo de cintura, que tem um indo-europeísta como E. Benveniste”), mas também acontece no próprio narrado, quando fica expresso o descontentamento em relação à teoria semiótica, em pleno estágio de Ignacio em Paris: “As colocações que ouvia sobre as paixões, no Seminário dirigido por Greimas, me davam a impressão de uma manifestação exacerbada do racionalismo francês sobre algo que me parecia irracional”. Enquanto esse evento em Paris fala da reabertura de uma ferida, confirma como horizonte constituinte da presença sensível o gosto pelo inacabamento, o que permite que venham à luz vivências da ordem do sobrevir, ou daquilo que sobrevém inesperadamente ao sujeito. Sob labirintos, confirma-se Ignacio como digno da emulação. O mérito, despontado maximamente, quando o sujeito encara a si mesmo como inacabado diante da frustração em relação à própria tese de doutorado, confirma a consciência fenomenológica definida como lugar da ambiguidade, tida não como imperfeição da própria consciência, mas como definição dela: “A consciência, que passa por ser o lugar da clareza, é ao contrário o próprio lugar do equívoco” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 445). Assim afirma o filósofo, ao contestar a noção cartesiana de consciência como o lugar da clareza.

Essas nossas reflexões podem ser representadas neste diagrama, que parte dos fundamentos oferecidos pelo estudo sobre a presença (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001), reunidos aos princípios tensivos da semiótica apresentados por Zilberberg (2006). Procurando clarear as bases de tensividade, buscamos apoio em algumas teses da fenomenologia. Ao tentar desenvolver uma investigação sobre o que é a presença sensível, quisemos atentar para desdobramentos dessa noção no âmbito de uma estilística discursiva.



AGRADECIMENTOS

Externo meus agradecimentos tanto aos organizadores do Seminário *de Semiótica "Ignacio Vive: 10 anos de Grupo CASA"*, realizado na Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, quanto, em especial, à professora Marisa Giannecchini. Ler o estudo feito por ela, "Ignacio por ele mesmo" (2002), em que são recuperados segmentos do memorial de autoria de Ignacio, desencadeou o desejo, manifestado por mim à professora e pesquisadora, de examinar esse memorial, documento então garimpado por Marisa junto aos arquivos da UNESP-Araraquara e enviado para mim na íntegra, juntamente com o *curriculum vitae* do professor. Graças ao empenho da amiga, minhas reflexões se presentificaram.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud et al. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.
- BRØNDAL, Viggo. "Omnis et totus". *Actes Sémiotiques – Documents VIII*, 72. Paris: Groupe de Recherches sémio-linguistiques; École dees Hautes Études en Sciences Sociales, 1986, p. 11-18.
- DESCARTES. "Meditações". In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 248-334.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã C. Lopes et al. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.

- GIANNECCHINI, Gonçalves de Souza Marisa. *Ignacio por ele mesmo*. Revista da ANPOLL 12. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Humanitas – FFLCH/ USP – maio/ 2002, p. 321 – 326.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II*. Essais sémiotiques. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- _____; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Vol. II. Paris, Hachette, 1986.
- _____. *Dicionário de Semiótica*. Vol. I. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- HJELMSLEV, Louis. *Ensaio linguísticos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- HUSSERL, E. *Recherches logiques*. Tome second. Traduit de l'Allemand para Hubert Élie et al. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.
- _____. *Investigaciones lógicas*, 1. Trad. Manuel G. Morente y José Gaos. Madrid. Alianza Editorial, 1985a.
- _____. *Investigaciones lógicas*, 2. Trad. Manuel G. Morente y José Gaos. Madrid. Alianza Editorial, 1985b.
- _____. *Leçons sur la théorie de la signification*. Trad. Jacques English. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1995.
- _____. *Sur la phénoménologie de la conscience intime du temps*. Traduit de l'Allemand par Jean-François Pestereau. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2003.
- _____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida – SP, Ideias e Letras, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. “Textos sobre linguagem”. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 317- 365.
- _____. *Signos*. Trad. Maria Ermentina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *A natureza*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.
- SILVA, Ignacio Assis. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- _____. “A escuta do sensível”. In: SILVA, Ignacio Assis (org.). *Corpo e sentido: a escuta do sensível*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 9 – 19.
- ZILBERBERG, Claude. “Figure”. In: GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Vol. II. Paris, Hachette, 1986, p. 91-93.
- _____. *Éléments de grammaire tensive*. Nouveaux Actes Sémiotiques. Limoges, France: Pulim – Presses Universitaires de Limoges, 2006.
- _____. “Des styles sémiotiques aux styles picturaux”. In: *Le sens de la métamorphose*. Direction: Marion Colas-Blaise et Anne Beyart-Geslin. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 2009, p. 225 – 241.